

**DO PSEUDÔNIMO AO ORIENTALISMO: UM “CAMINHO DAS PEDRAS”
REPRESENTATIVO NO LABIRINTO DAS NARRATIVAS DE MALBA TAHAN**

***FROM PSEUDONYM TO ORIENTALISM: A “PATH OF STONES”
REPRESENTATIVE IN THE LABIRIN MALBA TAHAN NARRATIVES***

José João Bosco Pereira
Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura
Universidade Federal de São João Del-Rey
(jbosconato@hotmail.com)

Maria Ângela de Araújo Resende
Doutora em Estudos Literários
Universidade Federal de São João Del-Rey
(mariangela_letras@oi.com.br)¹

RESUMO: O presente artigo analisa as questões sobre pseudônimo Malba Tahan de Júlio César de Mello e Souza (1895-1974) em suas obras como **O homem que calculava** (1997), sucesso editorial entre 1960 a 1997. Questiona-se a interação do pseudônimo com a projeção editorial e com a apropriação da recepção aos elementos do realismo fantástico. O universo híbrido de histórias à oriental que domina as narrativas é o recurso editorial que se justifica diante da recepção no público-lector. Houve aprofundamento da articulação do imaginário estético e das versões imagéticas do Oriente árabe, judeu e mulçumano, com a irrupção de mitos, lendas e outras micronarrativas em Malba Tahan, porta-voz de um orientalismo engendrado no Ocidente. Hoje, preocupa-se com a leitura dos paradoxos seculares de conflitos culturais. Para responder aos desafios, os conceitos em Benedict Anderson (2008), Edward Said (1978), Homi Bhabha (2007) discutem a apropriação imagética do Oriente exótico na literatura e a mediação de redes sociais. Deste modo, a escritura de Júlio Souza é marcada pela ambiguidade e sua heteronímia como forma de metaforizar o real - estética, cultural, militar e politicamente.

Palavras-chave: Heteronímia; Hibridismo cultural; Orientalismo; Realismo fantástico; Redes sociais

ABSTRACT: The present article analyzes the issues about the pseudonym Malba Tahan of Julio Cesar de Mello e Souza (1895-1974) in his work as The man who Counted (1997), editorial success between 1960 to 1997. It is questioned the interaction between the pseudonym with the editorial projection and with the appropriation of elements of fantastic realism. The hybrid universe, stories based on the East side on the continent that dominates the narratives is the editorial resource to justify the reader positive reception... There was a deep articulation of the imaginary aesthetic and the imagetive versions of the East Arabic, Jewish and Muslim, with the irruption of myths, legends and other micro narratives in MALBA Tahan, spokesman of an orientalism dreamed up in the West. Nowadays, there is a certain worry, concerned to secular paradoxes of cultural conflicts reading. To answer to the challenges, the concepts in Benedict Anderson (2008), Said (1978), Homi Bhabha (2007) discuss the ownership of East exotic imagery in literature and the mediation of social networks. Thus, Júlio Souza writing is marked by ambiguity and its heteronomy as form of Metaphor of the real - aesthetically, culturally, militarily and politically.

¹ Professora de Literatura Brasileira na graduação e no mestrado (PROMEL-UFSJ).

Keywords: Cultural heteronomy; Hybridism; Orientalism; Fantastic realism; Social networks

Introdução

Culturas, literaturas rimam, tensa e antropofagicamente, com arquitetura da psique como labirinto de pulsões criativas e insólitas. Com o Modernismo brasileiro, o crivo “canibal” ou antropofágico mergulha o arquivo europeu sob suspeita na redescoberta de um Brasil *sui generis*. Esse olhar é renovado à luz do **entrelugar** na literatura contemporânea. Cabe ao intelectual se posicionar nas dobras inusitadas dos discursos para desconstruí-los, derridaneamente e/ou à luz de Silvano Santiago, o que nos é interpelado historicamente como herança eurocêntrica e construto literário específico da brasilidade e da Americanidade latina. Aqui se inserem os estudos pós-colonialistas, pós-estruturalistas, pós-fenomenologistas, pós-cartesianistas e pós-iluministas, dentre outros. Assim, nossas investigações e objetos se tornam centros de mirada e exegese a fim de descortinar outras literaturas e suas relações com a história de produções de intelectuais latino-americanos. Nesse contexto, é que se devem contextualizar os orientalismos, no caso deste estudo, a produção e a recepção de Malba Tahan no Brasil. Perguntamo-nos sobre as questões relevantes nessa literatura que se pretende oriental abaixo dos trópicos e as razões de sua legitimidade ou sua audácia. Com Malba Tahan, percorrem-se as novas configurações de mapas da geopolítica oriental contemporânea, refletindo sobre os conflitos desde as cruzadas, o terrorismo de 21 de setembro de 2001, a **Primavera Árabe** como o grito de democratização tardia com a inédita mediação das novas tecnologias como as redes sociais e virtuais e a fobia do Ocidente ante a expansão mulçumana na Europa e nas Américas. Agora, em pleno 2013, a Europa, especificamente a França, adotam intervenções militares na África saariana com a emergência de os novos ataques – talvez da Al-Qaeda, em Marrocos, Argélia, Síria e Líbano, a ascensão da China no cenário global, os conflitos de Israel com os palestinos na faixa de Gaza e além dela,

Na literatura, nada é inocente e gratuito. Há razão que cede ao coração, pois para Blaise Pascal (1623 – 1662) este tem motivos que transcendem àquela. Não se pode, pois ler os textos de Malba Tahan fora das culturas a que eles nos vinculam: árabe, siríaca, indiana, judaica, chinesa. O *status* de histórias fantásticas é

pretendido por Júlio César que foca o paradigma do universo mítico-poético-épico das narrativas de **Mil e uma noites**. A leitura de Malba Tahan já se reveste de gosto literário a ser questionado e articulado com outras leituras de seu universo ficcional amplo. Há várias intertextualidades e alusões ao Talmude, ao Vedra, ao Al Corão, à Bíblia e aos contos fabulosos de **As Mil e uma noites**, cujo paradigma está norteando a escritura de Júlio Souza dentro destes contextos idiossincrásicos.

Seu pseudônimo se reveste de razões de identificação com os atores das histórias árabes fantásticas. Júlio César de Melo e Souza dá a palavra a Paulo Mansur, personagem fictícia, para melhor historicizar Malba Tahan em **Os Melhores Contos** (1994, p. 140). Há recentes traduções brasileiras ao lado das estrangeiras como as de Nair Lacerda e Domingos Carvalho da Silva (1962), Mamede Mustafá Jarouche (2005), Gullar (2006), dentre outros. Discutir um assunto um tanto quanto marcado por imagens cristalizadas pelo Ocidente na obra de Malba Tahan parece um trabalho centrado na literatura infantil. Porém, deseja-se ir além disso, visto que há outros estudos interdisciplinares sobre Malba Tahan. Aqui, foca-se a preocupação das apropriações de tais imagens deslocadas e a visão de estranhamento sobre o Oriente Islâmico.

Contextualizando o pseudônimo e o autor

Outros já se debruçaram sobre esta questão como Moysés G. S. Filho (2008), doutor em Educação/UNICAMP. Segundo Pierre Bourdieu (1998), construir biografias e conjecturar as probabilidades, as errâncias e os deslocamentos de autor e obra. Trata-se de uma ilusão biográfica. Nessa consideração, não nos cabe conceituar porque isso estaria fora de nosso propósito. A questão fulcral é analisar de que modo o pseudônimo interage na projeção editorial e na apropriação e na recepção dos elementos do realismo fantástico em sua escritura? Não temos dados estatísticos sobre isso, o artigo não permite uma pesquisa tão extensa. O mais importante é evocar os pilares da estética de recepção e averiguar que o pseudônimo no caso Malba Tahan – um árabe brasileiro - é bem sucedido mesmo depois da morte de Júlio César de Mello e Souza (1895-1974). A mais conhecida e o consagrou foi **O homem que calculava** (1997). Esse sucesso editorial entre 1960 a 1997 tem suas razões específicas, porque o autor se dedicou a vida inteira nos

estudos sobre a cultura e literatura árabes e sua relação com as narrativas judaico-cristãs.

Outro aspecto estratégico da leitura interdisciplinar da obra e dos recursos de que se vale como o pseudônimo que constitui como uma tentativa de deslocar o olhar dos leitores para o conteúdo da obra e realizar “uma viagem fantástica” pelo Oriente e conhecer suas culturas, com as roupagens da imaginação do realismo mágico. Aqui a complexidade do objeto formal se perfila em esferas ou prismas de análise como um caleidoscópio, que a cada virada tem configurações diferenciadas. O conceito de interdisciplinar, multidisciplinar e pluridisciplinar foi analisado, recentemente, por Luhmann (1927 — 1998), sociólogo alemão, no contexto da comunicação social e do Direito. Para ele, os conceitos anteriores fazem parte do que denomina pensamento sistêmico ou autopoietico à medida que a sociedade direciona a mídia e os fatos segundo seus critérios, manipulando e orientando o consumo e a sociedade do espetáculo.

Sobre o autor, há muitos livros e sites. A própria obra não nega o nexos entre o pseudônimo e o autor. Júlio César de Mello e Souza nasceu em seis de maio de 1895 no Rio de Janeiro e celebrou-se como Malba Tahan. Foi um caso raro de professor famoso que soube escrever sua obra e ensinar matemática divertida, de modo criativo. Criou então sua didática idiossincrática. O pseudônimo revela uma montagem híbrida de pedaços culturais e étnicos. Uma espécie de árabe deslocado, migrante em movimento, brasileiro, híbrido! Ele criou ser ficcional de vida própria, cujo nome é Ali Yezid Izz-Eddin Ibn Salim Hank Malba Tahan. Nasceu em 06 de maio de 1885, na aldeia de Muzalit, ao lado de Meca. Viajou pelo Cairo (Egito) e Istambul (Turquia), China, Japão, Rússia e Índia, até chegar ao Brasil. Faleceu em batalha em 1921 na Arábia Central, lutando pela liberdade de uma minoria local. Se fosse nesse século, participaria da Primavera Árabe. Seus livros foram traduzidos do árabe pelo fictício Professor Breno A. Bianco, em São Paulo, em 1965. Vendo-se os acontecimentos da Primavera Árabe, por outros ângulos da narratologia em Malba Tahan, as ficções se tornam virtuosos e virtuais de uma miragem de mundos caóticos em busca de sentido maior: a justiça social e a participação popular nos poderes do mundo todo. Exige-se uma geopolítica integrada e humanizada dos poderes e dos saberes. Mirando o solo histórico, as ficções de Malba Tahan parecem sair das páginas da literatura. Elas se tornam verdadeiras, ratificando os

ensinamentos éticos e da sabedoria do **Al Corão**, despojados dos autoritarismos históricos de dinastias. Existe um acordo ilustrado na lenda da origem do jogo de xadrez narrada em **O homem que calculava** (1994). O próprio xadrez, elemento idiossincrático da cultura oriental, é emblema dos conflitos sangrentos representado ludicamente no tabuleiro. Uma prosopopeia metafórica dos elementos da sociedade, classes e grupos em conflitos de poder e posição. A melancolia e a depressão do califa têm seu remédio deslocado ao xadrez, em que os dramas pessoais e coletivos são simbolizados na analogia da guerra e da paz. “O choque violento das forças rivais juntou de mortos os campos de Dacsina e tingiu de sangue as águas sagradas do rio Sandhu” (TAHAN, 1994, p.85) é o espaço da narrativa deixando-se alternar fatos da cultura na voz do narrador.

É materializada na estrutura do xadrez a arte militar das conquistas milenares. E as consequências são terríveis na (des)territorização dos impérios como está em “o triunfo sobre os fanáticos de Varangui custou-lhe, infelizmente, pesados sacrifícios; muitos jovens *quichatrias* pagaram com a vida a segurança de um trono para prestígio de uma dinastia.” Aqui está a lógica perversa das guerras e do sacrifício inelutável de jovens para manutenção do poder real. Nisso, na leitura do texto, uma traição do discurso, que deixa escapar as mazelas do poder, a ótica das guerras e hegemonias: sacrificar o povo, morte aos jovens e o triunfo dos soberanos e sua dinastia. A palavra “quichatrias” associada a militares jovens no texto, inclusive explicada no rodapé da narrativa, evidencia a casta dos guerreiros do povo Hindu. O contexto das guerras entre hindus e bárbaros.

Nesse sentido, o termo revela seu poder de idioma-idioleto-idiossincrasia. O elemento foneticomorfofossintático “*id*” em idioma nos mostra o que é próprio da língua como tal ou enquanto fenômeno linguístico deslocado para caracterizar a idiossincrasia de uma classe do povo. O povo que não fala a língua da nação é rejeitado como bárbaro. O vocabulário - **idioma como língua e processo comunicativo entre diferentes** - nega sua própria condição de existência no prefixo “*id*”; a língua entra em colapso como no mito da **Torre de Babel**, pois nega a si mesma sua raiz etimológica – ser elo e conexão entre pessoas, mesmo quando são de línguas diferentes. Claro, nesse processo de línguas diferentes, há de se aprender a língua e a cultura do outro para se aproximar e averiguar, indagar e admirar ou afastar-se do outro como diferente, não ameaça a si mesmo. Ou recorrer

à tradução ou à mediação do interprete para se ter acesso ao idioma do outro. No conto do xadrez, uma classe se sacrifica para que a nação não morra ou o rei continue no poder. Essa moral social histórica predomina na maioria das narrativas, lendas e mitos. Por quê? As respostas dependendo dos motivos e lugar de onde se fala pode ter muitas possibilidades hermenêuticas e epistemológicas. É interessante não isolar a psique do contexto de cada cultura e época. São dinâmicas labirínticas que se perdem no tempo. O homem procurou interagir com as suas pulsões mais profundas, ora avançando-se em criatividade e artefatos culturais, ora mergulhando-se em fobias e depressões. Sigmund Freud (1856-1939) compilou **A interpretação de sonhos** (1900-1901) e o **Mal-estar da civilização** (1930); Jung tem sua simbologia e arquitetura simbólica e religiosa.

A relação da cultura com a psique teve configuração instigante no **arquétipo** como conceito apropriado em Carl Gustav Jung (1875 — 1961), que o elaborou, provavelmente, pela primeira vez, no simpósio de 1919: “Instinto e Inconsciente”. Concebe-se como arquétipo a ideia de paradigma, modelo ou molde, uma marca conferida pela cultura. Na fábula do xadrez, referida acima, as partes compõem o todo e que cada elemento da nação traz em si a nação dentro dele como a semente potencialmente possui a árvore. A metáfora mergulha fundo na comparação dos membros do corpo e o corpo como a soma de seus membros. Perde-se uma perna, mas não a vida do corpo. O elemento bélico evidencia estratégias da sobrevivência da sociedade e o sacrifício de um pode repercutir, positiva e/ou maleficamente, nos outros elementos da sociedade tribal. Essa sentença tem valor profético no contexto bíblico quando sumo sacerdote Caifás afirma no sínédrio contra Jesus, de modo irônico: “É melhor que um só homem morra pelo povo” (JOÃO, 11.50). A violência do poder está explicitada na condição do cargo, do homem de poder, da necessidade de manter o poder. Na afirmação de que “os fins justificam os meios”. Na necessidade de eliminar o que os incomoda pela entrega a outro povo como *pharmakon*, *holocausto* ou ao poder romano na condição de inimigo de Roma. Derrida (1997) contextualiza o conceito *pharmakon* na Grécia antiga. Para os cristãos, é sentenciada a morte na cruz, conforme os costumes da época. No caso do xadrez, a pacificação está no sentido de brincar com o xadrez em que o califa de Bagdá disputa uma partida com o próprio inventor. O deslocamento da perda do filho em batalha é atenuado, ou passa a ser subliminar

de certo modo, no tabuleiro e no entretenimento com o outro, o inventor, filho do povo e súdito do rei. O significado cruento da guerra cede ao significante incruento-simbólico dos conflitos não armados.

Contextualizando o realismo fantástico

A relevância desta pesquisa concentra-se sobre a redução ocidental do outro – o Oriente, o que nos instiga a questionar de que modo se dá tal procedimento à medida que se estuda os diferentes gêneros como condição de representação dos orientalismos. Outra preocupação com o sucesso editorial e a estratégica da heteronímia como condições mercadológicas e ideológicas que dominaram gerações como apropriação ou inserção ou apropriação do realismo fantástico na produção de Júlio Souza. Pode-se, se possível, evidenciar o estilo de Júlio Cesar em relação ao de outros escritores como Murilo Rubião (1916 – 1991) e José J. Veiga (1915 - 1999) para percepção dos temas recorrentes das mitologias e das literaturas engajadas desde a ditadura getulista e a militar dos anos 1960 como práticas estéticas historicamente tidas como “neutras” ou “não engajadas” diante dos problemas da realidade social.

Os gêneros contos e os provérbios, incluindo fábulas, lendas e parábolas, se afirmam como um **gênero migrador**, por consequente, percebido no circuito cultural e da textualidade. Segundo Lysardo-Dias, o gênero migrador é uma espécie de “**multifuncionalidade comunicativa** paradoxal das práticas, histórica e ideologicamente constituídas como produtos culturais e em trânsito entre gêneros e mentalidades cristalizadas na cultura popular” como aforismos e máximas. (LYSARDO-DIAS, 2007, p. 322). Desse sentido, destacamos que a contribuição das migrações e dos movimentos diaspóricos é significativa para a difusão desse gênero, aproximando etnias e grupos sociais diversos. O estudo dos mitos, lendas, contos, fábulas e parábolas, em Malba Tahan, implica descortinar teóricos que se debruçaram sobre as questões de heterônimos como é o caso relativo a Fernando Pessoa (1987), além de focar nossa atenção às narrativas como sistemas de representação constitutivos de perfis dos orientalismos.

O outro – oriental – é colonizado via literatura e no labirinto da textualidade e nas lógicas mercadológicas e representacionais do Ocidente cristão,

eurocêntrico. Fundamentalmente, trata-se de dirimir preconceitos em relação ao orientalismo como mero exotismo ou esoterismo, para adentrar como o Ocidente se apropriou e por que fins ele adequou a parábola e fábula aos seus preceitos etnocêntricos e justificou a dominação do Oriente até hoje. Os fundamentalismos como extremos se tocam, tanto no Ocidente quanto o Oriente. Do ponto de vista dos estudos literários, é necessário repensar a estratégia dos heterônimos já em evidência no modernismo português de Fernando Pessoa (1888 — 1935), visto que também o engenheiro Júlio Cesar de Melo e Souza se vale desse recurso para conquistar o mercado editorial via a figuração de seu pseudônimo mais famoso Malta Tahan.

Porque houve e sempre houve conflitos de intercâmbios e disputas internacionais e seculares. Além das cruzadas, o ápice deste conflito ideológico-militar revela fundamentalismos entre o ocidente e o oriente que culminou na cena apocalíptica de 11 de setembro de 2001. A revanche americana na morte de Osama Bin Laden é o contraponto ou contracenação dessa história de busca de domínio e imperialismo patológico, alimentando o circuito de fobias coletivas e endemonização de culturas. Nesse tipo de mentalidade, o outro é reduzido ao mal personificado e deve ser eliminado por ser uma ameaça coletiva. Essa imagem construída por grupos circulam a mídia internacional e domina o imaginário coletivo. O outro é reduzido às imagens e não há lugar para ele no mundo. Ambos as culturas entram na construção do diferente e do medo, sem perder de mira a quem e por que tais intencionalidades persistem nos conflitos internacionais. Nosso mundo não é mais o mesmo, por isso foi denominado a **Era dos Extremos** (1994), como ecos e paradoxos das grandes mudanças do século XX. Presidentes negros, operário, mulheres no poder e presidentas nos dão marcas de mudança de mentalidades. Talvez ainda demore mais para democracia mais justa e madura no Brasil.

A politização foi prevista como imperativo de transformação do mundo e não mera especulação filosófica em Marx (1818 – 1883) & Engels (1820 – 1895) em **Manifesto comunista** (1848), Nietzsche em **Assim falava Zaratustra** escrito entre 1883 e 1885, Derrida, Sartre, Ortega Y Gasset (1833-1955) em **A revolução das massas** (1930), as mudanças radicais e tecnológicas no mundo todo surgem de demandas nas áreas da educação, saúde, direitos humanos, exigem retomada do desenvolvimento dos países em desenvolvimento e os pobres estão ociosos por

processo de avanços sociais, econômicos e políticos. Com o advento da globalização, o mundo árabe, por sua vez, vem questionando suas antigas formas de poder baseadas em tradicionalismo e ditaduras, ao ponto de ensaiar formas desesperadas de superação no campo político e religioso, vendo a mídia e as tecnologias do mundo Ocidental, aspirando-se à sociedade justa e democrática. Até aqui o liberalismo representa a realização da plenitude dos direitos humanos.

As diferenças entre ocidente e oriente continuam desiguais e abissais embora como práticas culturais históricas, mas se sabem em diálogo nesse momento forte da história. A troca cultural é imensa via internet e mundialização de capital e recursos humanos por meio das redes sociais, mesmo com toda a desigualdade social e a distância entre ricos e pobres.

O que nos representou os avanços no feminismo e nos direitos sociais, agora é a vez e a hora dos árabes experimentarem como conquistas de vidas em massas: o direito ao voto, o liberalismo feminino, o direito à educação de qualidade, os movimentos sociais e à democracia, traduzidos em direito à liberdade de imprensa, de opinião, de escolher o partido, de ter ou não religião, de viajar e sair do país ou da sua região sem a tutela do estado e do controle islâmico ou de qualquer outro grupo político-religioso.

Pela primeira vez na história, além dos métodos antigos de guerrilhas e resistência civil e greves, passeatas e comícios, as mídias sociais ou redes sociais foram usadas como *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* e mídias digitais de uso pessoal e coletivo. Havia toda uma inteligência ou grupos por trás das tecnologias digitais e da internet ao atualizar os humores contra a repressão e censura na Internet por partes dos países autoritários. Dentro deste contexto mediático e fora dele, a *Primavera Árabe* pertence aos quadros de tentativa popular de deposição de antigos regimes árabes monárquicos no mundo árabe. Ou seja, trata-se de variada onda revolucionária de descontentes entre 2010 e 2012. Ela se localiza nas regiões antigas, analfabetas, rico do petróleo, e pobre é o seu povo - o Oriente Médio e o Norte da África, com ação das populações contra os donos do poder desde 18 de dezembro de 2010. A insatisfação seguiu rumo à Tunísia e no Egito com guerra civil na Líbia e na Síria; protestos de massa na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã, Iêmen. E alguns episódios em

menor escala, nem por isso são insignificantes, aconteciam no Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental.

Obteve-se a queda do presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali na Revolução de Jasmim, que fugiu para a Arábia Saudita em 14 de janeiro de 2011; no Egito, o presidente Hosni Mubarak renunciou em 11 de Fevereiro de 2011, após 18 dias de protestos em massa, terminando seu mandato de 30 anos; e na Líbia, o presidente Muammar al-Gaddafi, morto no dia 20 de outubro.

Metaforizando as relações ocidente e oriente em Malba Tahan

Como entender a articulação do imaginário estético e as versões apropriadas do Oriente árabe, judeu e mulçumano com mitos, lendas e outras micronarrativas em **Malba Tahan** porta-voz de um orientalismo engendrado no Ocidente? De que modo ambos dialogam ou escondem o paradoxos seculares de conflitos culturais? Para responder tais questionamentos, partir-se-á de conceitos sobre a apropriação imaginética do Oriente exótico. Said (1978) entende que o olhar do ocidente sobre o Oriente à medida que apropria o outro como diferente e ao mesmo tempo estabelece um dialogo e trocas culturais com o outro quando se propõe aprender e apropriar seu *modus vivendi*, filtrado pela ideologia ocidental.

O autor de **O homem que calculava** – Júlio Cesar de Mello e Souza – incentivaram a busca de caminhos antigos e novos de diálogo intercultural e interétnico. As ciências e a literatura são unânimes e uníssonas quanto aos estudos baseados em áreas e saberes afins para elucidar questões interculturais.

Segundo Juraci C. de Faria (2004), Julio Cesar assumiu em vida a obra de assistência social aos portadores do **Mal de Hansen**, o que corrobora a atitude de educador:

Comecei em 1939. Portanto, há 34 anos. Eu me dedico só em assistência aos doentes de Lepra. Então, já visitei todos os leprosários do Brasil, com exceção do Acre que eu não conheço. E em todos eles eu fiz palestras, conferências. Já fiz no Brasil mais de duzentas conferências sobre Lepra. Fiz uma conferência em Sociedade para trezentos médicos, entre os quais havia cinco ou seis leprólogos de fama internacional. Eu fiz uma palestra sobre o problema da Lepra no Brasil, de modo que eu fui obrigado a estudar Leprologia. Mesmo não sendo médico, eu fui obrigado. (FARIA, 2004, p. 42)

É preciso **desconstruir**, à luz de Derrida (1930-2004), as imagens construídas sobre os orientalismos como versões do Oriente gentio, exótico, estranho, para adentrar suas lógicas e entender como o Ocidente transpôs essas imagens para a literatura, expostas em **Papel-máquina** (2003), de contorno fantástico ou de realismo fantástico.

É sabido do conflito que perpassa a literatura e os ensaios polêmicos de Albert Camus (1913-1960), porque era natural de Argélia, terra de Santo Agostinho de Hipona e Jacques Derrida, e Camus engajou como filósofo e jornalista na resistência francesa e nas temáticas éticas pós-guerra contra a fome e a guerra e miséria. Páginas inteiras existem sobre massacre de árabes durante a guerra de descolonização da Argélia, cenas de sua infância em casa de sua avó materna, no famoso bairro operário de *Belcourt*. Com a morte do pai na guerra de 1914, sua mãe foi obrigada a mudar-se para Argélia. A sua situação foi deprimente em 1939, quando Camus teve que residir em Paris, no início da ocupação nazista. Ele estava sendo perseguido por autoridades francesas, devido aos seus ensaios contra a discriminação aos árabes que eram rechaçados como cidadãos franceses e não poderiam votar. Criticou a falta de médico e a fome a que famílias passavam na Argélia. Por isso se engajou na França, sendo logo depois admitido como jornalista no Núcleo de Resistência contra os alemães. O nome do jornal era *Combat*, em que foi um dos editores.

Assim, estudar Malba Tahan, pseudônimo de Júlio César de Melo, requer um questionamento quanto ao lugar da estética na desconstrução de imagens cristalizadas do Oriente. Essa responsabilidade do crítico da cultura não é nada fácil à medida que deve perceber os discursos ideológicos contidos em todo texto. Para Bakhtin (1995), todo discurso é ideológico. Em **Tristes Trópicos**, Lévi-Strauss (1955) ensaia uma visão de que a modernidade considerou que os povos indígenas viveram *ad eterno* ostracismo ou isolamento social. Contudo, ele mesmo sabia que isso era improvável e inaceitável.

Embora a pós-modernidade decretasse o colapso das ideologias e das meganarrativas, o *ultimatum* da utopia e das crenças tradicionais, novos paradigmas e os mitos refluem no cotidiano, no hipertexto da internet, no mercado editorial, quais vitrines e provocações incessantes. E a sede de histórias ainda aguça a curiosidade dos homens e classes. Nunca as locadoras e salas de cinema voltaram a ser

frequentadas, não obstante a crença cética de que seria o fim do livro, dos cinemas, devido o deslocamento de mídias e novas tecnologias criariam novos *habitus* e formatos mais intragrupo e da migração de micronarrativas e minicontos no recinto doméstico e em concursos do jovem escritor ou premiação dos antigos escritores advogando espaços de entrevistas e em telejornais. Cada grupo social estabelece um *prebicitum* diário, de Renan, em 1882, para manter-se vivo e sobreviver no panorama local e global de alguma forma, através de suas idiossincrasias e literaturas. Não há uma literatura maior que a outra, elas estão em cotejamento e implica um olhar atento de suas particularidades, semelhanças e diferenças. Se existem, há um bom motivo para celebrar, admirar e verificar seu alcance e sua ressonância nesses novos momentos da nossa história. Cada cultura tem seu próprio (im)pacto ideológico, estético, histórico e seu *status questionae*. Não se pode subestimar, uma a uma, a otimização de outras visões, porque cairíamos em reducionismos perigosos, retificaríamos etnocentrismos ultrapassados e preconceitos contraproducentes. Não se pode classificar culturas baseando-se apenas em índices econômicos e o status do progresso e nos nossos valores ocidentais e globais. Nem toda cultura é apenas local. Nem toda cultura é totalmente global. Há um meio-termo ou uma busca de equilíbrio, negociação e filtragem do que se chama Globalização. As culturas são resistentes, porque têm seus peculiares *modus vivendi* que não se encaixam ou se traduzem nas outras culturas. Linguisticamente, as literaturas sofrem com desafios de tradução. Porque toda tradução é uma **mirada estrábica** ou uma traição a um código linguístico e ético para se fazer entendido em outro solo pátrio. Por isso, os estrangeirismos são necessários e versáteis à medida que se respeita a margem intraduzível de uma determinada cultura, fora de nossa visão de mundo. Não há superioridade e inferioridade cultural quando se pesquisa culturas diferentes com seus hibridismos e suas mitologias, crenças e modos de vida, segundo a **Interpretación de las Culturas** (1988), de Clifford J. Geertz (1926 – 2006), **Race, language, and culture** (1940), de Franz Boas (1858 — 1942), **Casa-Grande & Senzala** (1933) e **Sobrados e mocambos** (1936), de Gilberto de Mello Freyre (1900 – 1987), **The culture–historical configurations of the American peoples** (1975), de Darcy Ribeiro (1922 — 1997), dentre tantos. Por exemplo, a ideia de nação é uma construção do Romantismo e o romance histórico medieval tem suas marcas

eurocêntricas, agora revistas e questionadas. As ideias de indianismo foram postizas para reerguer a nacionalidade e a literatura brasileiras ao crédito de valor diante das literaturas europeia do século XIX. Quanto a literatura fantástica e o realismo fantástico se uniram na visão de uma crítica social e histórica que hoje se vê melhor do que quando foram construídas.

Nossa proposta de ver os conflitos do oriente e as intervenções do Ocidente, partindo de Malba Tahan, um erradio e migrante no Brasil, quando legou seus manuscritos ao escritor Júlio César, nos leva a ter uma leitura multicultural da literatura fantástica e sua aplicação no mundo global, com novo olhar. Essa mirada, pode ser fundamentada em Stuart Hall (2004). Para ele, os **Estudos Culturais** devem priorizar o estudo das literaturas das minorias e entendê-las no contexto de sua inserção social e sua condição de existencia a paratir das culturas diáspóricas em que ocorrem **as identidades e mediações culturais**, temporalidades étnicas e espacialidades históricas. Nesse universo à margem das altas literaturas burguesas, há diferentes construções ideológicas da literatura ou um novo *sensorium* como profetizara W. Benjamin (1892 – 1940), segundo Martín-Barbero (1986) Esse *sensorium* estético-democrático-popular exige a crítica ponderada às formas burguesas de entendimento das artes e a contextualização das novas mídias, depois da descoberta da fotografia e do cinema.

Considerações finais

Especificamente, em nossa sociedade globalizada e de economia de mercado, os fundamentalismos sem fim ou de assassinatos em massa promovidos por Estados do mundo ocidental e oriental revela sua trágica estratégia de dominação. Tudo vai se torando, embora as imagens de gênios alados, da lâmpada, de **viagens de Gimbat**, de sabedoria dos místicos e governos de califas, uma visão do passado e do mundo circunscrito de interesse de crianças e adolescentes. Na lógica das ciências das religiões, a sociedade de consumo reduz tudo à mercadoria, inclusive as imagens e editoriais com fins lucrativos. A criatividade literária parece ignorar a outra lógica da sociedade do espetáculo e do descarte. As imagens do dia 11 de setembro de 2001 e da morte de Bin Laden nos oportunizam cenas de violência e vingança, ontem tão chocantes e angustiantes, hoje tão fantásticas e

ousadas como um filme de Sherlock Homes, os filmes detetivescos de *bang-bang* ou um enlatado de filmes de guerra americano. Uma maneira estranha de lidar com os conflitos culturais históricos e seculares entre o ocidente e o oriente. O estranhamento da literatura das imagens dos gênios e das proezas mágicas do Islã deixa nas entrelinhas ou para o julgamento da história e do porvir que os meandros e atrocidades entre culturas estão longe de acabar, enquanto interesses mesquinhos e militarizantes ou da lógica do Capital continuar. Ou que fundamentalismos estiverem acima de interesses coletivos e democráticos.

Mas, há contundência maior em denúncia o incômodo provocado por **Os Versos Satânicos**, (1989) entre os governos fanáticos do Islã. O escritor Salman Rushdie Rushin foi obrigado ao exílio intelectual porque sua obra evidenciara uma lógica perversa do fundamentalismo islâmico. Não se trata de condenar o Islamismo como religião e nem condenar a cultura árabe pela adesão à fé monoteísta. Consoante à visão de Alfredo Pena-Veja e outros (2001), a indignação é decorrente de um olhar de revisão dos fatos e de uma atitude crítica a apoteose e dominação de grupos fanáticos e hegemônicos, cujos fins e meios estão acima da vida humana e da liberdade de pensamento, atitude e fé com ética e respeito às diferenças culturais e étnicas. Essa crítica vale para o capitalismo global eurocêntrico antigo e moderno que contempla seu próprio umbigo. Ambos os fundamentalismos se esquecem da ética e das diplomacias na solução de problemas graves como a pobreza, a fome, os conflitos armados sem resultados satisfatórios, as diferenças sociais e gritantes de nações excluídas e marginalizadas...

Referências

ANDERSON, B. **Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism**. 2008. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search>>, Acesso em: 08/11/11.

BURKE. **Hibridismo Cultural**. Unisinos, 2003.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: **Os Pensadores**. V. XLVIII. Abril Cultural, 1ª ed., 1975.

_____. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolari Leskov. In: **Mágia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (ORG). **Usos e abusos da História oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CALLIGARIS (2006): Fábula sobre os conceitos de moral e psicanálise. <<http://lauravive.blogspot.com.br/2006/01/contardo-calligaris-marcha-dos-pingins.html>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

CAMUS, A. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Albert_Camus>. Acesso em: 17 jan. 2013.

COMPAGNON, A. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____. **Papel-máquina**. Trad. Evando Nascimento. rev.: Anamaria Skinner. Estação Liberdade, 2004, 360 p. Sinopse disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?isbn=8574480967>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

FARIA, J. C. de. **A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malbatahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Pós-graduação em Educação, 2004. 278 p. Disponível em: <http://www.malbatahan.com.br/artigos/dissertacao_juracycfaria.pdf>. Acesso em: 21/02/2012.

FREUD. Volume IV - **A Interpretação dos Sonhos (I)** (1900). Volume V - **A Interpretação dos Sonhos (II)** e **Sobre os Sonhos** (1900-1901), Volume XXI - **O Futuro de uma Ilusão, Mal-Estar na Civilização** e outros Trabalhos (1927-1931). Disponível em: <<http://www.livrariadopsicanalista.com.br/produto/2258877/EDICAO-STANDARD-DAS-OBRAS-COMPLETAS-DE-SIGMUND-FREUD-24-Volumes>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

HOBBSAWN, E. **Era dos Extremos, O breve século xx, 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2ª Ed. Companhia das Letras, 1994.

HALL, S. Estudos Culturais: Dois Paradigmas. In: Sovik, Liv (Org.) **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine La Guardia et. al. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Unesco no Brasil, 2004.

JOÃO, São. Disponível em: <<http://reflexaobiblica.spaceblog.com.br/297894/EVANGELHO-SEGUNDO-JOAO-Estilo-Ironico/>>. Acesso em: 17 de jan. 2013.

JUNG, C. G. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung>. Acesso em: 20 jan. 2013.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Unicamp, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Portugália / Martins Fontes. 1955.

LUHMANN, N. Apresentação da obra deste sociólogo e comentários. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/discursos/3928905>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

MAQUIAVEL. Jornal **Mundo Jovem**. junho de 2012, Ed. nº 427, Rio + 20. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/edicoes/427-junho-2012-rio-mais-20-a-natureza-nao-esta-a-venda>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

MARIANO, O. "Malba Tahan". In: **Lendas do deserto**. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1959. p. 5-7.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação cultural e hegemonia**. UFRJ, 1986.

MOLLOY, S. **À vista – a escrita autobiográfica na América hispânica**. Chapecó: Argos, 2003.

NETO, A. de F. P. *et al.* O homem que criava. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 7, nº 84, set. 2012. p. 66-69.

NILTON FUKUDA noticiava, em 10 de fevereiro de 2010, a morte de Bin Laden, site atualizado em 2 de maio de 2011 - 09:07 (Brasília) 12:07 - Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110502_osama_resiste_is.shtml>. Acesso em: 17 jan. 2013.

ORTEGA Y GASSET: "De repente a multidão tornou-se visível, instalou-se nos lugares preferenciais da sociedade". Disponível em: <<http://froilamoliveira.blogspot.com.br/2012/12/segundo-ortega-y-gasset.html>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

PEREIRA, J. J. B. "Diálogo intertextual entre a pulsão lírica de Edgar Allan Poe e de Sebastião Bemfica Milagre", In: **Revista GLÁUKS**. Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <glauks@ufv.br ou <http://www.cielli.com.br/downloads/176.pdf>>. Acesso em: 2001/2013.

PIGLIA, R. Memoria y tradición. In: **Anais do II Congresso ABRALIC**. Belo Horizonte: UFMG, 1991, v. 1, p. 60-66.

PIGLIA, R. (2011). "crime como uma janela, modo de ver a realidade." Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/tag/ricardo-piglia/>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

PENA-VEJA, A. ALMEIDA, C. R. S. PETRAGLIA, I. (orgs.). **Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação**. São Paulo, Cortez, 2001.

PRIMAVERA ÁRABE. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/2216005-primavera-%C3%A1rabe/#ixzz2IG0QYuvK>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

RAVETTI, G. *et al.* **Topografias da cultura: representação, espaço e memória.** Belo Horizonte: UFMG, 2009. 184 p.

REIS, G. Arte, memória e cidades: espaços de vivências coletivas e temporalidades em movimento. IN: TOLENTINO, M. V. F. de. **Nação e Identidade: Ensaios em Literatura e Crítica Cultural (2007).** São João del-Rei: PROMEL/UFSJ, p. 213-232.

RENAN, E. **O que é uma nação?** Conferência - Sorbonne, 11 de março de 1882. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51231037/ernest>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

RIBEIRO, N. F. **Heteronímia e perspectivismo – “espaço literário” e multiplicidade de estilos nos pensamentos de Nietzsche e Pessoa** (doutorando do departamento de Filosofia, da Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <<http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/pt/home/item/63-hete...>>. Acesso em: 21/02/12.

RUSHIN, R. É o autor ainda procurado pelo Islã, porque “provocou a ira de muçulmanos” Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo.html>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

SANTIAGO, S. **O entre-lugar de Silviano Santiago.** Correio Brasiliense. Pensar, Brasília, p. 8-11, 02/06/2002.

SOUZA, E. M. de. **Biografar é metaforizar o real.** Fórum Virtual de Literatura e Teatro, de agosto de 2008. Disponível em: <www.pacc.ufrj.br/literatura/emcena/analise_doc_santiago.php>. Acessos em: 01 de set. de 2010.

TOLENTINO, M. V. F. de. **Nação e Identidade: Ensaios em Literatura e Crítica Cultural.** São João del-Rei: PROMEL/UFSJ, 2007. p. 213-232.

SANTOS, B. de S. **Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade.** São Paulo, Cortez, 1997.

SANTOS NETO, E. O Projeto Político-Pedagógico da Escola: Caminho para Organização e Articulação do Trabalho Coletivo. Educação e Formação. In: **Revista do Congresso de Educação Continuada.** Pólo 7/PEC, UNITAU, dez.1998. p. 17-20.

TAHAN, M. **O homem que calculava.** Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 85-92.

_____. **A Arte de Ler e Contar Histórias.** Rio de Janeiro, Conquista, 1964.

_____. **O Mundo Precisa de Ti, Professor.** Rio de Janeiro, Ed. Vecchi, 1967.

_____. **Lendas do Deserto.** 16ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1997.

- ____. **Os Melhores Contos**. 10^a. Edição. Rio de Janeiro: Redord, 1994.
- ____. **Lendas do Oásis**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1999.
- ____. **Minha Vida Querida**. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2000.
- ____. **Mil Histórias Sem Fim**. Rio de Janeiro/São Paulo, Ed.Record, 2000.
- ____. **Lendas do Céu e da Terra**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- ____. **Lendas do Povo de Deus**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

VEIGA, J. J. Disponível em:
<<http://www.mondoweb.com.br/murilorubiao/teste05/criticas.aspx?id=8>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

VILLAMEA, L "Malba Tahan – o genial ator da sala de aula". In: **Revista Nova Escola**, ano X, nº 87, set. 1995. p. 9-10;